
ENTENDENDO MELHOR OS ESCRITOS AOS CORÍNTIOS*

Yokimi Yuaça**

INTRODUÇÃO

Já nos acostumamos a aceitar uma série de interpretações bíblicas em relação à mulher e seu papel. O problema é que a teologia enquanto produção humana tem sido quase que monopolizada pelos homens, sendo eminentemente a expressão forte da perspectiva masculina. O que ocorre em nossas igrejas é o que Juliet Mitchell argutamente constata na problemática da identidade da mulher: "A maioria das mulheres ainda possui uma identidade reflexa, ou seja, vê-se com os olhos dos homens e, para complicar, toda ciência criada pelo homem vem reforçar ainda mais esta identidade que constitui o mal-estar profundo de todas as mulheres".

Nós ouvimos os homens falarem do que é "bíblico" para a mulher e aceitamos isso como palavra de Deus muitas vezes sem questionar e ver se é realmente isto o que a Palavra de Deus quer dizer. Uma boa parte da responsabilidade pela falta de equilíbrio entre masculino e feminino na vida de nossas igrejas cabe a nós mulheres, que temos sido omissas na reflexão teológica. Não que, pelo simples fato de serem homens, os teólogos sempre darão o seu parecer de forma tendenciosa. Mas frequentemente nossa própria compreensão do papel da mulher vem carregada de preconceitos, onde o machismo assume a sua postura "sagrada" na palavra de muitos pastores. Nós mesmas, em muitos casos, introjetamos esses conceitos e temos muita dificuldade em trabalhar certas questões com mais autonomia e desenvoltura.

Por isso é necessário que nós mulheres nos descubramos também como sujeitos que pensam e que buscam na Palavra do Senhor caminhos de obediência e de maior compromisso com Cristo e seu Corpo. Oxalá esta pesquisa sobre a mulher nos cultos gregos e na Igreja possa indicar pontos de referência para isto.

* Extraído de: *Auxiliadora idônea. Considerações sobre a mulher, na perspectiva de auxiliadora idônea, com certa ênfase na vida eclesiástica*. Trabalho apresentado à Igreja Evangélica Holiness como requisito parcial para a ordenação para o ministério pastoral. Belo Horizonte, abril de 1991.

** Yokimi Yuaça é obreira na Igreja Evangélica Holiness de Belo Horizonte. Graduiu-se bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Batista Equatorial, de Belém, PA, e atualmente cursa filosofia na UFMG. Endereço atual: Rua Rocha Lagoa, 298 - 31150 Belo Horizonte MG.

A MULHER NOS CULTOS GREGOS E NA IGREJA

Ao ler um texto bíblico é preciso ter certa noção do espaço histórico, social e cultural em que foi escrito. Quando, quase na entrada do século XXI, lemos que às mulheres de Corinto é recomendado que se mantenham em silêncio, que não façam perguntas em público mas depois particularmente ao marido, logo reagimos a partir dos nossos padrões modernos e duvidamos que o cristianismo realmente trouxe a mulher para um plano melhor... Mas se examinamos o texto com mais cuidado, dentro do contexto em que foi escrito, podemos encontrar informações muito interessantes e descobrir o que está por trás daquela discussão.

Na sociedade grega, segundo Richard e Catherine Kroeger,¹ homens e mulheres não comiam juntos nem dividiam o mesmo quarto de dormir. Os homens passavam a maior parte das horas noturnas fora da casa onde as esposas ficavam confinadas. Aristóteles fala que a mulher é inferior ao homem em virtude e coragem e, portanto, não podia ser uma companhia à altura para ele.² Inclusive a homossexualidade assumida pelos gregos tinha também este sentido de busca de uma relação com alguém que fosse do mesmo nível. Os homens velhos educavam a mente e a virtude de seus "adolescentes favoritos", enquanto suas mulheres permaneciam na ignorância. Ao contrário desta situação, Paulo encorajou as esposas a fazerem perguntas e os maridos a discutirem as coisas de Deus com elas. Na mentalidade paulina, se um membro é deficiente o resto do corpo sofre com ele. Paulo rejeitou a segregação de homens e mulheres num mesmo culto, ao contrário do judaísmo da época; deu prescrições igualitárias para o casamento e insiste que cada parte (homem e mulher) pode encontrar a satisfação de suas necessidades eróticas no outro. Contra a justificação da homossexualidade baseada na inferioridade da mulher, Paulo fala que ela foi especialmente criada para satisfazer as necessidades espirituais, emocionais e físicas do homem como companheira.

No primeiro século da era cristã, Corinto se encontrava numa crise de identidade dos papéis sexuais e havia debates vigorosos sobre o mérito da homossexualidade e da heterossexualidade. Na época do império Romano encontramos pessoas se questionando: que opção farei como ser sexual? Com que sexo vou estabelecer uma relação significativa? Em alguns cultos pagãos, inclusive, era comum a troca dos papéis sexuais, com o uso de vestimentas próprias do sexo oposto. No mundo greco-romano parece haver maior evidência de homens assumindo a roupa feminina do que em outros povos vizinhos.

A troca dos papéis sexuais também era um fator significativo na adoração à Afrodite. As mulheres às vezes raspavam a cabeça em honra à imagem de Afrodite, que tinha ao mesmo tempo órgão feminino e masculino. Marie Delacourt identificou

1. Baseamos boa parte do que segue em: Richard e Catherine KROEGER, *Christian men and women, then and now: Pandemonium and silence at Corinth* (*The Reformed Journal*, p. 6-10, jun. 1989) e *Sexual identity in Corinth: Paul faces a crisis*, 1989.

2. Cf. *A política*, de Aristóteles.

em torno de quinze vasos onde aparece a figura de homens com barbas e com trajes femininos e mulheres disfarçadas em homens. Esta prática foi proibida no Antigo Testamento (cf. Dt 22.5).

É dentro deste contexto que encontramos Paulo escrevendo para os coríntios sobre a diferenciação na aparência pessoal entre homens e mulheres no serviço durante o culto (1 Co 11.1-16).

Corinto foi uma cidade grega, mas segundo alguns autores, ela pode ser considerada a menos grega porque era uma cidade cosmopolita por excelência. O comércio era próspero e recebia influência de vários povos. Uma das religiões de origem bárbara, mas que foi assumida posteriormente pelos gregos, foi o culto a Dionísio (Baco). Segundo Kroeger, Corinto antiga (antes de ser reconstruída pelos romanos) era o centro do culto a Dionísio. É interessante entender melhor este culto, especialmente no que se refere ao espaço que a mulher ocupava nele, e ver também os problemas sociais que resultavam disto.

Fernando Melro diz que o "culto dionisíaco começa por ser uma religião mística cuja iniciação é reservada às mulheres, sacerdotisas de Baco." Nas bacantes, Eurípedes nos traz informações sobre esta questão. Penteu, rei de Tebas, traz notícias ao seu pai Cadmo:

Andava eu ausente da nossa terra e chegam-me agora aos ouvidos os tristes acontecimentos passados na cidade. Dizem que as mulheres abandonaram as casas, a pretexto das Bacantais, e que andam a correr pelos escuros montes, clamando em coros que prestam culto a uma nova divindade, um certo Dionísio. No meio dos tásos, encontram-se vasos cheios de vinhos; aqui e acolá, as mulheres ocultam-se em sítios solitários onde se entregam aos braços dos homens, como se fossem Ménedes a oferecerem sacrifícios.³

Baco/Dionísio foi imensamente popular entre as mulheres, especialmente porque o culto a ele dava às esposas gregas enclausuradas nas suas casas a oportunidade para saírem e, sob a compulsão divina, se liberarem para a hospitalidade sexual. Elas ficavam possuídas pelo êxtase da força dionisíaca e saíam pelos campos realizando feitos extremamente selvagens, atos que nem os homens em suas caçadas faziam: esfaqueavam até animais com suas próprias mãos e dentes. A tradição diz que as mulheres durante o culto dilaceravam animais novos e os comiam quentes, recebendo assim nelas a vida de deus.

Na sociedade grega e romana, de acordo com a **Vida de Plutano**, Sólon junto com Epimenides tinham estabelecido leis com o propósito de freiar os excessos do culto das mulheres. Houve um esforço especial para restringir as orgias noturnas das mulheres com os homens. Há considerável evidência, segundo Kroeger, que houve muitos esforços legais para fazer um controle do comportamento da êxtase feminina na sociedade greco-romana. E existem evidências de que muitos destes esforços

3. Eurípedes, *As bacantes* (Lisboa: Editorial Inquérito), p. 26.

falharam. Isto mostra como deve ter sido importante para a igreja primitiva que o comportamento de suas mulheres não fosse considerado reprovado de acordo com os padrões da lei, para que os cristãos não fossem acusados pelos não-cristãos de comportamento báquico.

O véu, os cabelos em ordem e a submissão das mulheres cristãs significavam harmonia com o marido e seu lar, e a inobservância disto, o contrário. O cristianismo trazia algo de inovador: homens e mulheres eram incorporados num mesmo culto e nem o homem nem a mulher eram independentes um do outro.

Paulo, ao falar do casamento, fala a uma sociedade grega profundamente assentada no ódio e no medo da prevalência da mulher, segundo Kroeger. A mitologia é cheia de figuras maternas ameaçadoras, ao mesmo tempo humanas e divinas. Medéia mata seus filhos; Hera, a deusa-mãe, visita os mortais com morte e desgraça. Um jovem diz a Sócrates que ele prefere a ferocidade das bestas do que a de sua mãe (Xenofontes). Philip Slater fala que a mãe rebaixada, emocionalmente e sexualmente não bem resolvida, tende a desabafar sua hostilidade especialmente sobre o filho homem. A repugnância era tão grande que em certas iniciações de religiões misteriosas os homens rastejavam através de um túnel de pedras para simbolizar o "novo nascimento" não dependente de mulher. Paulo refere-se ao ponto crucial desta dificuldade: a dependência entre homem e mulher no processo de nascimento (cf. 1 Co 11.11-12).

Contrastando com o culto a Dionísio que era pela via da *frenesis*, pelo sair-se de si mesmo, pelo êxtase, a mensagem de 1 Coríntios mostra que o cristão precisa do autocontrole sob a influência do Espírito Santo. Esta é basicamente a tônica de 1 Coríntios 14.26-40. Muitos queriam falar em línguas ao mesmo tempo, mas Paulo insiste que sejam apenas duas ou três pessoas, e que falem sucessivamente havendo quem interprete. Se não houver intérpretes, elas devem se manter caladas na igreja. No caso de profetas, podem ser dois ou três, mas caso venha revelação a alguém que estiver sentado, então o primeiro deve calar-se. Os profetas também devem ter autocontrole.

É dentro desta temática de autocontrole que as mulheres são aconselhadas a se comportarem segundo a determinação da lei. Embora as traduções sejam raramente as mesmas, o mesmo verbo grego *hypotasso* é usado nos versículos 32-34 significando organizar-se, arrumar-se. Segundo Kroeger, o versículo 34 seria literalmente traduzido por: "As mulheres se controlem, como a lei também diz". Como o comportamento das mulheres tendia a ser mais desenfreado e selvagem do que o dos homens, que conheciam práticas religiosas mais bem "comportadas", algumas regras tiveram que ser adicionadas. Conforme já foi mencionado anteriormente, aquele que falava em línguas sem intérprete era aconselhado a se manter em silêncio, tal como o profeta quando algum outro desejava falar. Não era uma proibição completa para esses indivíduos não compartilharem seus dons, mas uma instrução para que tudo pudesse ser entendido e pudesse ser proveitoso. Era recomendável que apenas uma pessoa por vez compartilhasse sua revelação, e isto somente se a mensagem fizesse sentido para a congregação.

A segunda ênfase importante neste capítulo 14, segundo Kroeger, é a inteligibilidade. Paulo preferia falar cinco palavras compreensíveis do que dez mil que não pudessem ser compreendidas. Ele aconselha que todos os elementos que não fossem compreensíveis fossem silenciados. Dentro deste contexto podemos entender a recomendação: "as mulheres permaneçam em silêncio nas igrejas, porque a elas não é permitido falarem". Segundo Kroeger, não significava que a mulher não pudesse orar ou profetizar (cf. 1 Co 11.5) desde que ela observasse o decoro; tampouco implicava que a recomendação de manter o silêncio aos que falavam em línguas fosse uma proibição absoluta ao falar em línguas (14.39).

O verbo usado para designar a fala proibida das mulheres é o **lalein**. Primariamente ele se referia à expressão vocal mais do que a um enunciado com sentido. O termo é usado repetidamente no capítulo 14 para descrever a fala em línguas. Phrynichus definiu o termo como "falar coisas insensatas". A palavra é usada para tagarelice, bisbilhotice, balbucio, som animal e música instrumental. Durante o período clássico do grego, ela foi usada para designar a fala que despreza o senso. Debrunner, escrevendo no *Kittel-Friedrich Theological Dictionary of the New Testament*, diz: **lalein** pode também ser usado objetivamente como fala quando for mais uma referência ao som do que ao sentido. A que espécie de locução Paulo pode estar se referindo? Kroeger nos sugere: havia muitos tipos de vocalização nos ritos extáticos e, em certos rituais pagãos, o gritar frenético era esperado das mulheres e era considerado um ingrediente necessário para o culto.

A palavra **lalein** é fundamentalmente uma palavra onomatopéica. Os gregos gritavam "alala" nos cultos e na guerra e personificavam Alala como deidade. Era a mesma fala repetitiva e sem significação na oração pagã que Jesus descreveu em Mateus 6.7 "(...) porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos". O novo padrão de adoração cristã oferecia mais dificuldades para ser adotado pelas mulheres do que pelos homens porque elas não tinham conhecido ritos mais organizados como de Apolo ou Zeus. Para a maior parte delas, a religiosidade tinha que ser acompanhada por extravagâncias de toda a sorte. Agora muitas mulheres precisavam aprender que elas não eram purificadas pelos seus gritos, mas pelo sangue de Cristo e pela lavagem da purificação da água pela Palavra. Era importante que o culto cristão se tornasse algo com sentido.

Como dissemos anteriormente, as mulheres foram encorajadas a questionarem seus maridos em casa, porque a elas era normalmente negada a oportunidade de educação, enquanto os homens podiam participar em todos os tipos de debates teológicos e filosóficos. As questões deveriam ser perguntadas em casa para que a conversa não interrompesse a cerimônia religiosa.

As mulheres também não podiam tagarelar ou cochichar com outra mulher durante o culto. Isto certamente era uma grande tentação porque as mulheres gregas eram confinadas em suas casas. À sugestão de Kroeger "por isto é desonroso para a mulher tagarelar na igreja" talvez nós pudéssemos acrescentar: "ou no corredor da frente da igreja, ou no telefone..." Mas não será o mesmo aplicável para o homem?

DESAFIOS QUE TEMOS PELA FRENTE

É preciso começar um diálogo, do qual os homens também façam parte, sobre as formas de se recuperar o companheirismo idôneo do feminino, uma vez que a maioria das organizações sociais, inclusive a eclesiástica, são fortemente dominadas pelos homens, quando não monopolizadas por eles. É preciso que eles percebam esta unilateralidade como uma perda para a humanidade, inclusive como uma perda para que os valores do Reino se façam mais visíveis entre nós.

É preciso também trabalhar com a mentalidade das mulheres. Algumas reagem bastante negativamente a esta postura de maior igualdade da mulher, inclusive igualdade de chances para exercer uma profissão. Muitas dessas mulheres, ao criarem seus filhos, fazem a cabeça dos "futuros machões" (no mau sentido da palavra, é claro!). Dão certos privilégios aos meninos simplesmente pelo fato de serem meninos e não meninas. Elena Belotti localiza bem esses "machões" e suas conseqüências:

Que pode deduzir de positivo um homem de arrogante presunção de que pertence a uma casta superior só porque nasceu do sexo masculino? Sua mutilação é tão catastrófica quanto a da menina convencida de sua inferioridade pelo simples fato de pertencer a seu sexo. Com isso fica deformado o seu desenvolvimento como indivíduo e sua personalidade se empobrece, prejudicando a sua vida em comum. ⁴

Existem estruturas psicológicas que impedem a mulher de buscar o seu próprio crescimento, e inclusive de desejar uma posição de igualdade mais justa dentro do mundo dos homens. Fomos "treinadas" para aceitar que o lugar da mulher é somente o seu lar:

Estas estruturas psicológicas levam a pessoa do sexo feminino a viver com sentimento de culpa frente a qualquer tentativa para inserir-se no mundo da produção, e a sentir-se fracassada como mulher se adere a esse mundo, e a sentir-se fracassada como indivíduo se escolhe, ao contrário, realizar-se como mulher.

Gostaríamos de achar caminhos de amadurecimento como pessoas e não fugir diante dos desafios que encontramos pela frente. Algumas vezes não tomamos nenhuma atitude esperando que um homem (não importa se menos capacitado que nós) assuma as coisas... O resultado disto é um sentimento de frustração e ao mesmo tempo de irritação com certos erros que vemos na pessoa que assumiu a liderança. É preciso que nós mulheres busquemos caminhos de crescimento e assumamos os desafios que iremos encontrar. É preciso rever nosso processo educativo -principalmente aquele que se dá na igreja com base em leituras viciadas de textos bíblicos- para que homens e mulheres sejam educados para a complementariedade e o companheirismo a fim de que a imagem de Deus seja melhor visualizada em nossas igrejas.

Na reflexão teológica, onde os homens têm sido bastante solitários, também é preciso buscar formas adequadas para que o companheirismo idôneo com as mulheres seja vivenciado, e se veja mais concretamente a realidade descrita em Gálatas 3.28:

Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.